

OS ECOS CONTRADITÓRIOS DO TURISMO NA CHAPADA DIAMANTINA: discursos e práticas

BRITO, Francisco Emanuel Matos. *Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina: discursos e práticas*. Salvador: EDUFBA, 2005. 398p.

Amílcar Baiardi

Convertida em livro, e poupada de maiores mutilações, como parte das exigências do editor, a tese de doutorado de Francisco Emanuel Matos Brito preserva seu caráter exaustivo, sua inspiração tratadista e sua estrutura de tese de PhD de universidades européias, sobretudo inglesas, onde se dá mais importância ao trabalho final que à obtenção de créditos, exame de qualificação, etc. O livro é, assim, um legítimo difusor do trabalho final do doutorado e tem, como a tese, uma estrutura operacional e uma redação primorosa. Além disso, faz bom uso de ilustrações e estabelece um certo equilíbrio entre as abordagens teóricas e empíricas.

Na introdução e no capítulo 1, o autor procede de modo a que os leitores tenham uma prévia noção do que irão ler, relatando como, dentro de sua área de interesse – sociologia rural, planejamento e desenvolvimento regional – os temas turismo e região se encaixam e se relacionam por uma forma particular de turismo, o ecoturismo. Faz ainda uma reconstrução histórica do conceito, do hábito da vilegiatura, como era conhecida essa atividade, já praticada no período clássico, Império Helênico e Império Romano, até chegar ao turismo contemporâneo, que nasce como atividade tipicamente européia, ocidental e difundida no mundo, com o escopo de gerar bem-estar, diferente das viagens religiosas. Em continuação, conduz uma avaliação do “estado da arte” dos estudos sobre

o turismo, o surgimento da categoria ecoturismo, concluindo por levantar problemas nessa prática.

Os capítulos 2 e 3 estão dedicados a caracterizar física, social e economicamente a área de estudo, seus ciclos histórico-econômicos e sua metamorfose recente, emergindo da situação de um território estagnado economicamente para uma área de grande interesse do ponto de vista das intervenções do Estado e do fluxo de capitais. Francisco Brito reconstrói, em sincronia com outros movimentos, o ponto de inflexão a partir do qual o turismo passou a ser a “locomotiva” ou “carro chefe” da dinâmica social e econômica da Chapada Diamantina, mais concretamente da parcela de sua área com maiores atrativos de paisagem e de riqueza de biodiversidade e que, por esse motivo, ganhou o estatuto de parque nacional, com a denominação de Parque Nacional da Chapada Diamantina.

No capítulo 4, o autor reconstrói a trajetória dos movimentos ambientalistas no Brasil e na Bahia e como ela repercute sobre a Chapada Diamantina, induzindo moradores tradicionais, neo-residentes e toda uma legião de amigos da natureza a organizar movimentos ambientalistas e a levantar bandeiras protecionistas da natureza, sem perder de perspectiva a idéia cada vez mais clara das possibilidades do turismo na dinamização da economia local e regional. Nesse capítulo, são apresentadas todas as vicissitudes enfrentadas por tais movimentos, para definir marcos claros para a atividade turística, explicitar os alcances e limitações do ecoturismo e neutralizar influências do poder local, cuja visão nem sempre era compatível com os princípios da sustentabilidade das atividades econômicas, fossem elas agro-produtoras ou de serviços, uma vez que o garimpo e a mineração predadora, por consenso, deveriam estar banidos.

Os capítulos 5 e 6 analisam o surgimento, a organização, a evolução e os impactos do turismo, avaliando suas externalidades positivas e negativas, bem como todo o processo de aprendizado dos agentes promotores, suas relações com os incentivos do Estado e a busca de uma fisionomia mais clara, de um perfil para a atividade em todo o

Parque Nacional e no seu entorno que contemple tanto o interesse histórico quanto o da paisagem bem como aquele complementar, no que tangem às manifestações artesanais. O capítulo 6 ainda propõe uma abordagem tipológica sobre turistas, bem como um olhar dos mesmos sobre si e sobre os companheiros de viagem.

O último capítulo, o 7, é dedicado a uma reflexão sobre o risco decorrente de uma ainda não devidamente consolidada consciência ambientalista em toda a estrutura promotora do turismo na Chapada Diamantina, alertando para uma série de medidas e institucionalizações ainda necessárias para que a área, a essa altura já consolidada como

meta nacional e internacional do ecoturismo, possa garantir o presente e o futuro da atividade e que na mesma viceje uma cultura de acolhimento diferenciada, a qual estará sempre, ademais de obter normatizações de conduta compatíveis com a sustentabilidade por parte dos visitantes, irradiando esses princípios para a atividade ecoturística onde quer que ela se instale. Convido todos os interessados em turismo, ecoturismo e Chapada Diamantina à leitura do livro de Francisco Emanuel Brito.

(Recebido para publicação em setembro de 2005)
(Aceito em outubro de 2005)

AMILCAR BAIARDI é Professor Titular da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Ciências Humanas (área de economia), UNICAMP, com Pós-Doutorado em Políticas de Ciências, Istituto e Museo di Storia della Scienza (Florença, Itália). Foi Professor Visitante na Universidade de Aarhus (Dinamarca) e lecturer da Universidade de Omoluc (República Checa).